



MANICURE INSTALA SALÃO NA PRAÇA OCUPADA: PACTO DE CONVIVÊNCIA PERMITE SERVIÇOS, PROÍBE O ÁLCOOL E NÃO DEIXA AS PESSOAS QUE OCUPAM A PRAÇA AGREDIREM O MEIO AMBIENTE

Invasores criam leis próprias

Tarciano Ricarto
Da equipe do **Correio**

Na cidade mais violenta do Distrito Federal, uma área com índice de criminalidade zero será, por ironia, o primeiro grande problema da nova administradora de Ceilândia, Ilza Maria Santana, que ainda não foi empossada. Ao lado da sede do poder local, uma verdadeira cidade, com administração própria, cresce à velocidade de 50 barracos por dia.

No cadastro do Movimento dos Sem Teto de Ceilândia, já há mais de 1.150 barracas e cerca de 4.500 manifestantes, que se fixaram na

Praça do Trabalhador, reivindicando um lote para morar. Cada família que chega à área ocupada firma um pacto de convivência, que proíbe, dentre outras atitudes, a venda ou consumo de álcool e qualquer tipo de agressão ao meio ambiente.

A cidade, que completa hoje 23 dias, tem ainda um aparato de segurança formado por um batalhão de 35 homens. São eles os encarregados de identificar prováveis transgressões às leis da ocupação. Quem descumprir qualquer norma é obrigado a sair.

Foi essa organização que garantiu ao acampamento um índice zero de criminalidade. Até em caso de uma possível desocupação por força policial, os manifestantes estão orientados a não reagir. Mas os ocupantes da praça dizem que, aconteça o que acontecer, só deixam o local com a garantia de um lote.

“Se levarem as barracas, vamos comprar uma lona bem grande e colocar todo mundo embaixo, no meio da praça”, ameaça o responsável pelo movimento, o funcionário da Câmara Legislativa Elton Barbosa da Silva.

O líder recorre ao Código de Edificações do DF (Lei 2.105/98) para afirmar que o acampamento não se trata de uma invasão de área pública. “Na praça, está proibida

qualquer construção de caráter permanente. Um barraco de madeira, por exemplo. Todas as barracas são de lona e plástico. Isso prova que estamos aqui provisoriamente e que não estamos descumprindo o código”, defende-se.

Tânia Battella, coordenadora da Comissão de Políticas Urbanas do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-DF), rebate os argumentos de Elton Barbosa, quanto à legalidade do acampamento. “Pode não ser invasão, mas é uma ocupação irregular. Ninguém pode permanecer numa área pública sem autorização do executivo”, diz a arquiteta.

Safe Carneiro, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-DF), também aponta ilegalidade na ocupação. “A área é de domínio público e não se presta a esse fim. Não é permitida sua ocupação”, avalia.

Juan Carlos Del Carpio, que responde interinamente pela Administração de Ceilândia, garante que uma definição sobre o destino dos 4.500 manifestantes deve sair ainda esta semana. O governador Joaquim Roriz reafirmou, ontem, que a qualquer momento pode ir ao local. “Se eu não for hoje (ontem), vou amanhã (hoje)”, disse.

Enquanto uma posição definitiva não chega, o acampamento continua crescendo. Ontem, foi a vez de José Gonçalves, 65 anos, armar seu barraco. “Nunca tive uma casa, sempre morei de aluguel”, argumentou.

A chegada dos novos vizinhos divide os moradores de Ceilândia. “Acho uma palhaçada”, afirmou Lino dos Santos, 64. “Eles não me incomodam”, disse Eliane Leite, 59.

O **Correio** tentou contato com Ilza Santana, futura administradora de Ceilândia, na sua residência e no gabinete da deputada federal Maria de Lourdes Abadia (PSDB), onde era assessora. Não obteve retorno.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

Líder leva multidão à deriva

Marcelo Abreu
Da equipe do **Correio**

No meio de uma praça sem água, luz, banheiro e a menor infra-estrutura, 4,5 mil pessoas estão acampadas há 23 dias. O líder delas, um militante e cabo eleitoral rorizista — que, na verdade, anda meio afastado do seu governador — prometeu-lhes o céu. Em nome do que chama “sagrado direito constitucional à moradia”, o servidor da Câmara Legislativa Elton Barbosa da Silva, de 35 anos, arrebanhou a multidão. Fundou o Movimento dos Sem-Teto de Ceilândia e fez essa gente acreditar que o governo lhes dará um lote. Uma temeridade.

Ele diz que ninguém ali é invasor. Apenas manifestante. “A Constituição também nos garante o direito de reivindicação em praça pública”, diz o homem, para uma multidão

embevecida com suas frases de efeito.

Sob um sol esturricante, crianças — muitas recém-nascidas —, adultos e velhos — alguns com estado delicado de saúde —, esperam a chegada do lote. Ganham comida — arroz, feijão, macarrão e carne. E sonham que um dia o governador, em quem votaram e fizeram campanha, possa lhes resolver a vida.

Abandonaram suas casas, que dizem ser de aluguel. Alguns contam que foram despejados. Trouxeram colchão rasgado, fogão, cama, mesa, prato, copo... Alguns não esqueceram a Bíblia sagrada. Montaram ali, no meio da Praça do Trabalhador, ao lado da Administração Regional de Ceilândia, os barracos cobertos de plástico e lona. O líder diz que não há pressa. “O governo pode derrubar, a gente vai para o meio da praça e monta outra vez, outra vez, outra vez...” Seus seguidores gostam de ouvir o que ele diz. Virou ídolo. Super-herói.

Só na manhã de ontem, mais 50 novos barracos foram armados na cidade que não

pára de crescer. Chegará um momento em que ficará insuportável conter a multidão. Lá já existem salão de beleza, igrejas evangélicas e até uma oficina mecânica improvisada. Elton discursa. De gravata e calça social, o presidente do Movimento dos Sem-Teto de Ceilândia improvisa comícios no meio da praça. É ovacionado. Bem-treinado, o povo grita pelo lote. Faz coro.

A Secretaria de Habitação? Diz que não tem lote. Que só atenderá as pessoas que estiverem inscritas no programa habitacional do governo. Fala em critérios, pontuação, regras...

O governador? Joaquim Roriz diz que irá à praça — só não disse exatamente quando. Diz que precisa “ver e sentir” o drama dos seus eleitores. Diz que “pra fazer justiça, só indo lá”. Diz...

Moral da história: no descampado, uma multidão à deriva, que acompanha cegamente um líder também à deriva, que acredita no improvável e, mesmo assim, lhes contou uma história fantástica.

Essa história pode acabar muito mal...